

A BOA-NOVA EM ISAÍAS 40-66 **Um evangelho antes do Evangelho**

Júlio Paulo Tavares Zabatiéro

1. Introdução

Isaías 40-55 e 56-66 formam dois blocos distintos da tradição isaianica. O primeiro possui marcas de uma composição única, e é trabalho de cantores-profetas na Babilônia, nos últimos anos do domínio babilônico, imediatamente antes da tomada do poder pelo rei persa Ciro (539 aC). A cantoria desses profetas anunciava, entre outros temas, a majestade de Javé e a vinda de Seu reino para libertar os exilados e restaurar Jerusalém e Judá à sua condição de vida plena. A este primeiro bloco pertencem os famosos poemas do Escravo Oprimido (ou cânticos do Servo Sofredor), que vieram desempenhar papel importante na tradição cristã posterior. O segundo bloco, Is 56-66, possui uma história de escrita bem diversa, em relação à qual não há unanimidade entre os estudiosos. É amplamente reconhecido, entretanto, que 60-62 compõem o núcleo central e mais antigo deste bloco, provavelmente de autoria de discípulo(s) dos cantores-profetas do exílio, e escrito já em Jerusalém, após a volta dos primeiros exilados, perto dos anos 500 aC¹. Ao redor desse núcleo foram sendo agrupadas outras palavras proféticas, especialmente de crítica ao culto – desvinculado da justiça – e ao exercício inadequado do sacerdócio e seu projeto político-ideológico. É digno de nota que os termos ligados à *boa-nova* só ocorrem, no chamado Terceiro Isaías, no bloco mais antigo, uma vez cada nos capítulos 60 e 61. A perícopes do cap. 61 em que aparece a *boa-nova* também tem sua história na tradição cristã primitiva, ocupando espaço de destaque no Evangelho de Lucas.

As palavras que traduzimos por *boa-nova* vêm do verbo hebraico *bsr*², que ocorre 30 vezes no Antigo Testamento, em diversas formas (incluindo formas nominais), na maior parte das vezes sem conotação teológica (a maior parte dessas ocorrências está nos livros de Samuel e Reis, por exemplo: 1Sm 31,9; 2Sm 18,29-20; 1Rs 1,42; 2Rs 7,9) – indicando sempre uma boa notícia contada por alguém. A única exceção é 1Sm 4,17 em que uma notícia ruim é trazida a Eli, a da derrota de Israel e a morte de seus filhos. O uso teológico do verbo *bsr*, nas suas diversas formas, está presente nos Salmos e em livros proféticos (especialmente Isaías). No Sl 68,12[11], “O Senhor dá uma ordem, e suas mensageiras [de boas-novas] são um grande exército”, a *boa-nova* é uma declaração da vitória de Javé sobre seus inimigos. A partir deste uso

1. Veja o comentário a Isaías, de J. Severino Croatto, vols. II e III, Vozes/Sinodal.

2. A tradução grega da LXX usou o verbo *euangelizomai* e o substantivo *euangelion*, daí, em português, evangelizar e evangelho. Por influência árabe, temos em português a palavra *alvissara* (a recompensa dada a quem traz uma boa notícia), de raiz equivalente ao *bsr* hebraico.

do verbo *bsr*, o termo veio a ser usado no culto para expressar o louvor a Javé como juiz e libertador de Israel (v. Sl 40,10[9]; 96,2; Is 60,6).

Nos livros proféticos, o uso de *bsr* se restringe a Naum (2,1[1,15]) e à tradição isaiânica do exílio e pós-exílio (Is 40,9; 41,27; 52,7; 60,6; 61,1). O uso em Naum pode ter servido de base para a nova significação dada à palavra na tradição isaiânica. Naum atuou no séc. VII aC. (discute-se se a sua pregação data de aproximadamente 660 ou 612 aC), proclamando o juízo de Javé sobre Nínive e as nações estrangeiras que oprimiam Judá. Para seu próprio povo, foi um profeta de consolação e esperança, que anunciou a presença de um *mensageiro de boas-novas* nas montanhas. Esse pregador de boas notícias veio falar de *paz (shalom)* para Judá – a sua integridade, vindicação e justiça, após a queda de Nínive: “Olhai sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz” (Na 2,1, na Bíblia do Peregrino). Destaque é dado à atividade do *mensageiro* de boas-novas, o que também ocorrerá em Isaías, como veremos. A *boa-nova* precisa ser gritada, proclamada, cantada, anunciada a plenos pulmões para que a alegria se espalhe entre as pessoas que a ouvem. Boa notícia é motivo de festa, por isso o profeta convida Judá a celebrar as festas de Javé, o seu libertador (Na 2,1b).

2. A boa-nova em Isaías 40-55

2.1. Is 40,9-11 é a primeira aparição da *boa-nova* em Isaías. Esta perícopé é a conclusão de um conjunto de quatro pequenos textos (Is 40,1-2.3-5.6-8.9-11), unidos pelo tema da *consolação* do povo de Deus e do reinado de Deus que libertará o povo, e pelo detalhe formal de que cada trecho é expressão de uma *voz* diferente: começando com *vosso Deus* (v. 1), passando duas vezes por *uma voz* (v. 3.6) e chegando a *Jerusalém* (v. 9). Repare que no v. 1-2 Jerusalém é a ouvinte da voz de Deus, enquanto em 9-11 Jerusalém é a *anunciadora* da boa nova.

O conteúdo da boa-nova deve, portanto, ser deduzido de toda a perícopé, e não apenas de 9-11. A *boa-nova* polifônica de Is 40,1-11 tem os seguintes conteúdos: (a) Judá pecou e foi julgado por Javé e agora está pagando o preço de seu pecado passado, entretanto, continua sendo o povo de Deus – note os termos da aliança, *vosso Deus + meu povo*, que destacam a fidelidade de Javé ao seu povo, mesmo quando este se torna infiel. A consolação de Javé ao *seu* povo se dirige mais especificamente a Jerusalém, à capital de Judá, à cidade que se supunha santa e inviolável (e.g. Sl 48, etc.), mas que se revelara opressora e idólatra. Jerusalém representa o país, é a capital do reino, a sede do Templo de Javé, e foi ela quem deixou de ser a protetora do povo de Deus, tornando-se a sua opressora. Merecido castigo (a milícia, ou corvéia do v. 2) que agora está chegando ao fim. Javé está renovando a aliança, é tempo de perdão, é tempo de um novo começo, de uma nova história; (b) um novo *êxodo* se avizinha (3-5), por isso uma voz (indefinido) grita *no deserto* para se preparar um caminho para Javé levar seu povo de volta à sua terra. A linguagem aqui é tomada de empréstimo tanto do êxodo, quanto do festival de Marduc na Babilônia. Todo ano, na capital do Império, celebrava-se a morte e ressurreição do seu deus supremo, simbolizada pela morte e ressurreição do rei babilônico, através de uma grande festa que culminava em uma procissão

festiva pelas ruas centrais da capital. A voz grita para os judeus exilados, impressionados pela grandiosidade da procissão de Marduc: façam vocês também um caminho para a procissão, preparem as ruas, limpem o terreno, enfeitem o caminho. Javé está chegando, é tempo da vinda de Javé que vai tirar vocês do exílio e levá-los de volta para Jerusalém. É tempo de um novo êxodo, de uma nova manifestação da glória poderosa e libertadora de Javé, diante do Império e de seus deuses; (c) se nos colocarmos na pele dos judeus que ouviam estas palavras, poderemos imaginar a sua reação de espanto e incredulidade. “Javé nos libertará? Nosso Deus se esqueceu de nós, e mesmo que se lembrasse, que poderá ele fazer? Foi derrotado por Marduc, assim como a sua casa foi destruída pelos exércitos do rei.” *Uma voz diz a outra voz*: “toda carne é erva e toda sua constância é como a flor dos campos” (v. 6). Impressionante metáfora esta! Para os judeus incrédulos e subjugados pelo impressionante discurso e exército dos babilônios, a voz diz: o império babilônico é frágil, não irá durar! Mais, de fato diz que todo império é fraco, que não tem durabilidade, que não permanece – é carne, e a vida da carne tem o tempo da vida do mato do campo. Diante da *palavra* de Javé os impérios se desmoronam. A palavra de Javé dura para sempre, não os impérios. *O nosso Deus* não mente, a Sua palavra permanece (v. 8) e é libertadora do seu povo, destruidora de impérios e de toda opressão. Este é o caráter de Javé: o Deus libertador; (d) e finalmente, Jerusalém é convocada a espalhar a sua *voz* às cidades e vilas de Judá. Qual é a boa notícia para as cidades e vilas ameaçadas pela morte e destruição? Qual é a boa-nova para a terra que ficou desolada e abandonada? A boa notícia é que Deus, Javé, está vindo. Ele está chegando, trazendo de volta o esplendor da sua glória libertadora para Judá. Ele vem, como rei, como o pastor (Ez 34,1ss; Jr 23,3; Sl 23) que cuida do seu rebanho, carinhosamente, decididamente. Com Javé voltarão os exilados e, novamente reunido, todo o povo de Deus viverá sob o *reinado de Deus*! Repare: Javé irá reinar em Jerusalém, não a casa de Davi (cf. Is 55,3-5)! A casa de Davi não cumpriu a aliança com Javé (cf. 2Sm 7; Sl 89), pelo que ruiu e foi levada cativa ao exílio. Javé, porém, é fiel e cumpre sua palavra. As promessas a Davi (cf. Is 55,3ss) serão cumpridas, mas agora não mais em relação à sua casa, mas em relação a todo o povo de Javé. É o povo das cidades e vilas de Judá quem recebe a promessa do reinado de Deus, da casa que não terá fim. Esta é a recompensa (v. 10) de Javé para o seu povo sofrido: receber a sua *hesed* – a sua justiça fiel, o seu amor libertador. Não haverá mais necessidade de um rei como *mediador* entre Javé e Seu povo. O próprio Javé voltará a reinar sobre Seu povo. Eis a boa nova. Mas é preciso aceitá-la, assumi-la, e não repetir a história antiga de Israel, que, em outro tempo, já rejeitara o reinado de Deus (cf. 1Sm 8,1-9). Deus reina, e, quando Javé reina, somente Ele exerce o poder, e na comunidade de seu povo todo o poder deve ser igualmente repartido.

2.2. Is 41,27 (41,1-29). Na segunda ocorrência da raiz *basar* em Is 40-55, “é para Sião que aqui está, por primeiro, aquele que fala, é Jerusalém que eu presenteio com um *mensageiro*”, o tema da libertação é retomado. No capítulo 41 o grande tema é que Javé somente escolhe o libertador de Seu povo. Como no passado Ele escolhera Moisés, e depois os juizes, agora, no presente, Ele mesmo escolherá o libertador de *seu povo*. Mais adiante esse libertador terá nome: Ciro, o rei persa. Aqui, ainda está anôni-

mo: “do norte eu fiz surgir um homem, ele veio; desde o levante ele se ouve chamar pelo seu nome; ele pisa aos pés os governantes como lama, como o oleiro pisoteia a argila” (41,25). A boa-notícia anunciada com metáforas em 40,1-11 agora é apresentada de forma mais concreta: o império babilônico chegará ao fim, e *um homem* escolhido e trazido por Javé será o seu executor; *um homem* que pisoteia os poderosos como o oleiro pisa e amassa a argila. Basta *um homem* para que *toda a carne* encontre o seu fim. Mas esse homem tem de ser instrumento de Javé, o autor da vida e o juiz daqueles que não promovem a vida na terra.

Destaca-se, também, neste texto, a supremacia de Javé diante dos deuses do império. Os deuses são ídolos, são *nada* (v. 29). O texto ridiculariza os deuses – ficam confabulando, procurando alguém para levar a sua mensagem, mas não têm nada a dizer, não há profetas, pois não há palavras a serem ditas pelo mensageiro. Somente Javé tem palavra a ser dita, somente Javé sabe o fim desde o começo, e “o havia anunciado desde a origem” (v. 26). O profeta conclama os exilados a retomarem a memória dos tempos antigos, a memória dos atos libertadores de Javé em favor do seu povo, a memória das promessas de Deus, que jamais deixaram de ser cumpridas; a memória das palavras de juízo de Javé, que também não deixaram de ser cumpridas. Há um só Deus libertador, um só Deus capaz de enviar mensageiros de boas novas: Javé!

2.3. Is 52,7-10 (1-12) é a última ocorrência da boa-nova em Is 40-55. É neste trecho que há a citação de Naum 2,1 e neste trecho se retoma a boa-nova de Is 40,9-11. Em 40,9-11 Jerusalém é convocada para ser a mensageira de boas novas às cidades de Judá. Aqui, em 52,7-10, Jerusalém é quem receberá a notícia, ela é quem verá Javé chegando para reinar com poder e justiça. O poema é belo, e inicia com uma exclamação sobre a beleza: “Que formosos sobre os montes os pés do que anuncia boa-nova...” (v. 7) – aos olhos do vigia, cansado, ansioso, sobre os muros da cidade, a visão do mensageiro alegre, correndo sobre os montes para trazer a notícia ansiada é uma visão de beleza, é uma visão sublime. Os vigias gritam, riem, dão gargalhadas, jubilam de alegria pois a notícia é boa (v. 8). *As ruínas de Jerusalém* são convocadas a gritar também, a explodir de júbilo diante da boa notícia que está sendo trazida. O que vêem os vigias? Eles vêem que Javé está chegando, como que atrás do mensageiro da boa-nova, a própria boa-nova se aproxima (compare o v. 7 com o 9).

Qual é a boa nova? O poema é rico em detalhes. Primeiramente, a boa-nova trazida pelo mensageiro nas montanhas é apresentada de forma tríplice: paz, bem e salvação (*shalom, tob e yeshua*). Estas três palavras são grandiosas, como é grandiosa a boa-nova para os exilados desanimados e sem fé. A paz é o bem-estar pleno, completo para o povo de Deus e para a sua terra; é a plena harmonia entre pessoas e na natureza (cf. Is 65,17-25). O bem é a bênção de Javé, a vida cheia de bondade e justiça, que nega o mal (cf. Am 5,14-15) e realiza o direito entre o povo. A salvação (cf. Is 26,1) é a libertação que Javé traz ao seu povo, o fim da opressão, a liberdade para viver e viver em paz e bem. Logo a seguir, afirma: *teu Deus reina* (cf. Ex 15,21; 1Sm 8,8s; Sl 47; 93; 96; 97; 98; 99; 146). Em poucas linhas, o poema retoma toda a mensagem de Is 40-51, e mais, retoma toda a memória salvífica de Judá e Israel. Paz, bem, salvação e reinado de Javé. Eis a boa nova: Javé está voltando para reinar sobre Jerusalém, e fará isso aos

olhos de todas as nações, revelará seu braço forte, o seu poder libertador, e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus (v. 10). As nações que outrora se espantaram com a derrota de Judá, agora verão a vindicação do Deus de Israel. Ele, e somente Ele, é o rei de toda a terra, somente Ele é o libertador de todos os oprimidos, de todos os povos subjugados aos impérios humanos.

Esta é, pois, a *boa nova* de Isaías 40-55, em uma palavra: Javé reina. Somente Javé reina. E quando Javé reina sobre seu povo, o resultado é paz, bem, salvação, justiça, glória, graça, aliança, amor fiel. A boa-nova de Is 40-55 é grandiosa, expressa em termos grandiosos, com vistas a fazer renascer a fé nos exilados que já não mais se sentiam povo de Javé. Uma boa notícia para fazer renascer a esperança entre pessoas abatidas, cansadas, desiludidas. Tanto tempo passado no exílio só fazia confirmar a crença dos que não foram seguidores de Javé, mas de Davi: a Babilônia nos derrotou – Marduque derrotou Javé. Por isso, os cantores-profetas levantam a sua voz harmoniosa e grandiloqüente. Há uma boa notícia para vocês: Javé reina. É verdade, Javé reina. Ele reina, nosso Deus reina e somente nosso Deus reina. Não é à toa que Jesus, ao trazer a revelação definitiva do agir de Deus na terra, optou por ser ele, também, mensageiro da boa notícia de que Deus reina. Is 40-55 é o evangelho precursor do Evangelho.

3. A boa-nova em Isaías 56-66

Um novo cenário se apresenta. Não estamos mais na Babilônia. Estamos em Jerusalém. Um novo tempo: exilados já retornaram, não todos, mas já houve um retorno. Um início de reconstrução de Judá e Jerusalém. Em parte, as promessas de Javé se cumpriram: o império babilônico chegou ao fim, em um certo sentido, através de um só homem: Ciro, que, mediante alianças com lideranças sacerdotais e militares da Babilônia, ocupou o trono babilônico sem guerra – um perfeito golpe de estado. Com Ciro, um novo tempo para os exilados, inclusive os judeus. A política de Ciro era diferente da dos babilônios. Mandou os exilados de volta para suas terras. Ciro queria terras organizadas e produtivas em toda a extensão de seu Império. Brilharam os raios de esperança para Judá e Jerusalém.

A realidade em Jerusalém, entretanto, era bem diferente. A linguagem grandiosa dos cantores-profetas de Is 40-55 agora se parecia com meros sonhos de grandeza. Jerusalém viu Javé voltar, e com ele os exilados, mas ainda continuava em ruínas. Será que Javé nos enganou novamente? Assim deveriam estar pensando os exilados que retornaram. E os que ficaram na terra, não menos perplexos. E agora, de quem será a terra? Em mãos de quem ficará o poder? Quem nos governará? Como será o reinado de Javé sobre nós que ainda estamos debaixo do poder do persa? Uma releitura da mensagem dos cantores-profetas se fazia necessária, e urgente. Is 56-66 apresenta essa releitura que ocorreu em vários momentos. O primeiro desses momentos está registrado em Is 60-62, a releitura mais próxima – no tempo – de Is 40-55. Sobre esses capítulos iremos dirigir nossa atenção, pois, como já vimos, é somente em Is 60,6 e 61,1 que reaparece o termo *boa nova*.

A estrutura de Is 60-62 é simples: os capítulos 60 e 62 têm como tema a reconstrução de Jerusalém, enquanto o capítulo 61 tematiza a reconstrução das cidades e al-

deias de Judá. Nos capítulos 60 e 62 uma voz anônima fala em nome de Javé; no 61 essa voz anônima declara a sua missão e a sua relação com o Senhor. No conjunto, estes capítulos são uma releitura das promessas de Is 40-55, são uma revisão da temática do reinado de Javé e de sua salvação para Judá e Jerusalém. Ao ler os três capítulos, deve-se reparar na linguagem bastante parecida com a de Is 40-55 – glória, luz, salvação, confins da terra, nações, olhos que vêem, vozes que falam, mensageiros e cantores que anunciam notícias e louvam a Javé.

O ambiente, então, continua sendo o de cantores-profetas; é gente ligada ao culto que relê as profecias cantadas na Babilônia. O tom grandioso permanece, mas uma nova nota, um novo tom é acrescentado: o tom da denúncia profética, o tom da realidade dura do povo de Deus. Como diz uma canção contemporânea, “cantar ao Senhor, eu cantarei, e os pés da terra não tirarei. Louvar ao Senhor, eu louvarei; e a visão do mundo não perderei. Como fechar os olhos a tão grande humilhação...” Não é possível louvar ao Senhor sem enxergar o sofrimento e a injustiça. Retoma-se, aqui, de forma indireta, a crítica profética pré-exílica ao culto (cf. Is 1,10-20; Am 5,4-6). Quem canta ao Senhor não pode deixar de praticar a Sua vontade. O povo que louva o Rei deve ser, também, o povo que segue o Rei. O povo que canta os louvores de Javé deve ser o povo que pratica os atos libertadores de Javé.

3.1. Is 60,6 é a primeira ocorrência de boa nova no Terceiro Isaías. O capítulo 60, paralelo ao 62, é uma declaração utópica da restauração de Jerusalém e de sua elevação à condição de centro do mundo. Jerusalém será a luz das nações, a fonte da salvação para todos os judeus exilados pelos cantos da terra (v. 4b). Jerusalém será a cidade gloriosa para a qual afluirão as nações e as suas riquezas (v. 4a.6.14-17), estrangeiros reconstruirão as suas muralhas pagando a conta pelo trabalho (v. 10-13). E para o povo de Jerusalém, a promessa é de prosperidade, justiça, paz e posse da terra, sob a esplêndida direção e bênção de Javé (v. 18-22). No verso 6 ocorre a palavra da raiz da boa-nova: “um afluxo de camelos te cobrirá, camelos novos de Madiã e de Efa; todos os de Sabá virão, trazendo ouro e incenso, e se tornarão os mensageiros dos louvores de Javé”. Na utopia da reconstrução, os exilados que retornam, trazendo consigo as riquezas das nações (veja o relato do êxodo egípcio), serão os mensageiros de boas novas – que aqui significam os *louvores* de Javé. Ao contemplar as maravilhas da restauração de Jerusalém, irromperão em júbilo e cantarão os louvores de Javé, ou seja, cantarão os atos salvíficos de Javé, confessando publicamente que somente Ele é o libertador de Israel.

3.2. Se, no cap. 60, a linguagem ainda é a poética, a linguagem exaltada do louvor e da adoração, em 61,1-11 (seção à qual pertence o trecho dos v. 1-3) é mais concreta e realista. Os v. 1-2 foram usados por Lucas para interpretar a missão de Jesus de Nazaré, e a partir de sua citação tornaram-se famosos no Cristianismo. Duas tendências dominaram a interpretação desses dois versos: uma psicologizante, lendo os termos “pobres”, “cativos”, “cegos”, “os que choram” como se referindo à condição emocional das pessoas fora da bênção de Deus; propunha-se uma salvação de cunho humanista e existencial; outra espiritualizante, que lia os mesmos termos como metáforas para os *pecadores*, todas as pessoas sem fé em Cristo Jesus – e propunha-se uma salvação dualista, a salvação

da alma. Nem para o texto de Isaías, nem para a sua citação em Lucas, essas interpretações são legítimas. É verdade, por um lado, que alguns dos termos de Is 61,1-3 destacam aspectos emocionais – o coração quebrantado, o choro, o luto, o espírito abatido. Mas esses termos não anulam o fato de que, por outro lado, as pessoas portadoras dessas emoções são econômica e politicamente *pobres, cativas, encarceradas*.

A mensagem que o profeta recebeu ao ser ungido para anunciar a *boa-nova* de Javé é a mensagem da reconstrução da vida concreta das pessoas que haviam perdido tudo com a destruição do reino de Judá e com o cativo exílico. Somente assim se pode entender a linguagem exaltada dos capítulos 60-62: a prosperidade e a riqueza de Jerusalém e Judá não podem ser vistas como uma reedição da injustiça social que imperava durante a monarquia e que, junto com a idolatria, foram denunciadas pelos profetas como a causa do juízo de Javé. A prosperidade, a glória de Jerusalém e Judá somente serão legítimas se forem a concretização da *libertação* e da *justiça social* para com todas as pessoas pobres, oprimidas, sem-terra, sem-casa entre o povo de Deus. Note que, no v. 2, a boa-nova é descrita como a notícia do *ano do favor de Javé*, ou seja, do ano do jubileu (cf. Lv 25,8-55) – o ano do perdão de todas as dívidas, da libertação de todos os escravos, da devolução de todas as terras perdidas à suas famílias proprietárias originais. A boa-nova é a declaração de um novo começo para os pobres de Javé. Por isso é motivo de alegria e júbilo. O fim da pobreza, o fim da opressão, o fim das humilhações. Um novo começo para as emoções curadas, não mais tristeza por não ter comida para dar aos filhos; não mais desânimo e abatimento por não ver uma saída para a miséria; não mais luto pela morte das pessoas queridas que faleceram por não ter o que comer, ou vestir, ou onde morar, ou de doenças que poderiam ser curadas.

A linguagem do texto ainda permanece carregada de metáforas, o seu arranjo poético é belíssimo. Mas, igualmente, é uma mensagem bastante concreta, bastante específica, realista. Ela se baseia na memória libertária do povo de Javé, alimenta-se da lembrança dos tempos em que não havia pobres entre o povo de Deus, porque havia solidariedade e justiça social entre eles. É assim que, na releitura do Terceiro Isaías, se concretiza o Reino de Deus: Deus reina sobre seu povo quando em seu povo reinam a justiça social, a solidariedade, a bênção e a plena harmonia – quando as riquezas são repartidas, quando o poder é partilhado e exercido para o bem, quando a prosperidade não é apenas para alguns, quando a alegria é contagiante, quando a fé se manifesta na fidelidade a Javé e à aliança com Ele e com todo o seu povo. Ainda estamos entre cantores-profetas, entre pessoas que aprenderam a louvar a Deus sem tirar os olhos da realidade concreta de seu povo. Pessoas que aprenderam a cantar ao Senhor e a proclamar e praticar, simultaneamente, a sua justiça. Cantores e cantoras que aprenderam a lição dos antigos profetas: o cântico injusto não chega aos ouvidos de Javé, as mãos sujas de sangue não podem ser apresentadas no ato da adoração.

4. Conclusão

Um evangelho antes do Evangelho. Um evangelho que deu à luz o Evangelho. Assim pode ser entendida a mensagem de Isaías 40-66: uma utopia de libertação e justiça, salvação, paz e bênção. A utopia do reinado de Javé. Se quisermos entender o

evangelho de Jesus Cristo, precisaremos aprender com estas cantoras e cantores-profetos: louvar ao Senhor, sonhar com a grandiosa restauração de Seu povo, exaltar de alegria diante da vinda do reinado de Javé, anunciar a Sua glória entre as nações. Precisamos aprender a viver em esperança, em adoração e em alegre celebração. Precisamos aprender a concretizar essa esperança e essa alegria cúllicas no dia-a-dia da prática da solidariedade e da justiça social – pois o reino de Javé vem primeiro para pobres, para pessoas oprimidas, para pessoas derrotadas e abatidas pelos poderosos e pelos sistemas de injustiça e morte.

Nós, cristãos e cristãs, somos também chamados e chamadas por Javé, o pai de Jesus Cristo, para sermos mensageiras e mensageiros de boas novas – da boa notícia de que somente o Senhor é rei, de que todos os impérios são *carne*, são *erva*, são passageiros e transitórios. Se, aos nossos olhos, eles se parecem intermináveis, aos nossos ouvidos e à nossa fé discernidora, eles se apresentam como realmente são: momentos fugazes na história do senhorio de Deus sobre a sua criação. Apenas humanos, criações humanas. Nós os fizemos, nós podemos desfazê-los. E se Javé está conosco, certamente iremos romper as cadeias da opressão e da injustiça, não importa quão pesadas e sólidas elas sejam.

Referências Bibliográficas

- BALTZER, K. *Deutero-Isaiah*. A commentary on Isaiah 40-55. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- CROATTO, J. S. *Isaias a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55 a libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CROATTO, J. S. *Isaias a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. III: 56-66 a utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Schilling, O. “*bsr*”, *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. II. Grand Rapids: Eerdmans, 1975, p. 313-316.
- MARQUES, M. A. & NAKANOSE, S. *Sonhar de novo*. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): Roteiros e orientações para encontros. Centro Bíblico VERBO. São Paulo: Paulus, 2004

Júlio Paulo Tavares Zabatiero
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14 – 93030-270
São Leopoldo-RS
jzabatiero@uol.com.br